

I

Encontrei Myra Henshawe pela primeira vez quando tinha quinze anos mas, desde que me lembro, sempre soube da sua existência. Ela, a sua fuga e o seu casamento eram o tema das histórias mais interessantes, na verdade, das únicas histórias interessantes que se contavam na nossa família, nos dias de festa ou quando nos reuníamos para jantar. A minha mãe e as minhas tias ainda recebiam notícias de Myra Driscoll, como lhe chamavam, e a tia Lydia visitava-a em Nova Iorque de tempos a tempos. Ela tinha sido a figura atraente e brilhante entre as amigas da sua juventude e a sua vida parecia-nos tão apaixonante e variada quanto a nossa era monótona.

Embora tivesse crescido na nossa cidade, Parthia, no sul de Illinois, Myra Henshawe, depois da sua fuga romântica, só voltou aqui uma vez. Foi no ano em que eu estava a terminar os estudos secundários, e ela devia ser então uma mulher de quarenta e cinco anos. Veio no princípio do outono, fazendo anunciar a sua chegada por uma breve mensagem de telégrafo. O marido, que trabalhava em Nova Iorque nos escritórios de uma via-férrea do Leste, vinha ao Oeste em negócios. O casal devia ficar dois dias em Parthia: ele no Parthian, o nosso novo hotel, e Mrs. Henshawe na casa da tia Lydia.

Eu era a preferida da tia Lydia. Ela tinha três filhos crescidos, mas nenhuma filha, e achava que a minha mãe não me dava o devido valor. Por esse motivo estava sempre a «favorecer-me» indiretamente. A minha mãe e a minha irmã foram convidadas para jantar em sua casa na noite da chegada dos Henshawes, mas ela disse-me ao ouvido: — Quero que venhas cedo, mais ou menos uma hora antes dos outros, e conheças a Myra.

Naquela noite, entrei discretamente pela porta principal da casa da minha tia; enquanto tirava os agasalhos no vestíbulo podia ver, no fundo da sala de estar, uma mulher baixa e roliça com um vestido de veludo preto, sentada no sofá a tocar suavemente a guitarra do primo Bert. Ela deve ter-me ouvido e, erguendo o olhar, viu o meu reflexo num espelho; pôs a guitarra, levantou-se, e esperou que me aproximasse. Ficou deliberadamente imóvel, com os ombros para trás e a cabeça levantada, como para me lembrar que devia ir ao seu encontro o mais depressa possível e apresentar-me o melhor que pudesse. Eu não estava acostumada a qualquer tipo de formalidades, mas pela sua atitude conseguiu transmitir-me essa ideia.

Precipitei-me para o quarto com uma expressão tão ansiosa e desorientada que ela soltou uma risada condoída enquanto me estendia a sua pequena mão, roliça e encantadora.

— Deves ser a querida Nellie, de quem a Lydia me falou tanto. E deves ter agora quinze anos, se a minha péssima aritmética não me engana. Não é verdade?

Que bela voz, brilhante e alegre e descuidadamente amável; mas a sua cabeça continuava levantada com altivez. Fazia sempre isso ao conhecer as pessoas, em parte, supenho, porque começava a ter um duplo queixo e era sensível a esse respeito. Os seus olhos cinzentos, cintilantes e fundos, pareciam estar a examinar-me, a avaliar-me. Embora não fosse mais alta do que eu, senti-me esmagada por ela;

e estúpida, irremediavelmente desajeitada e estúpida. O seu cabelo preto estava penteado para o alto, *à la* Pompadour, e tinha estranhas madeixas onduladas, em ziguezague, de um branco brilhante, o que o fazia parecer o pelo de uma cabra persa, ou de outro animal com pelugem acetinada. Eu não conseguia enfrentar a curiosidade divertida dos seus olhos, por isso fixei os meus num colar de ametistas talhadas que usava no interior do decote quadrado do vestido. Suponho que o meu olhar era demasiado fixo, porque ela disse de repente: — Este colar incomoda-te? Se assim for, tiro-o.

Não consegui dizer uma palavra. Sentia as faces a arder. Percebendo que me tinha magoado, ela arrependeu-se, pôs o braço impulsivamente à minha volta, arrastou-me para o canto do sofá e sentou-se ao meu lado.

— Oh, nós vamos habituar-nos uma à outra! Sabes, meti-me contigo porque tenho a certeza de que a Lydia e a tua mãe te mimaram um pouco. Fizeram-te demasiados elogios na minha presença. Está muito bem ser inteligente, minha querida, mas não deves levar isso demasiado a sério; nada é mais maçador. Agora, vamos conhecer-nos. Fala-me das coisas de que gostas; é o caminho mais curto para a amizade. De que gostas mais em Parthia? Da velha casa dos Driscolls? Eu sabia!

Quando o marido chegou, começava a acreditar que ela ia gostar de mim. Desejava isso, mas sentia que não tinha grandes hipóteses; a sua voz encantadora e fluente, a sua enunciação clara desorientavam-me. E nunca tinha a certeza se estava a troçar de mim, ou daquilo de que falávamos. O seu sarcasmo era tão rápido, tão afiado... Era como ser tocada por um metal tão frio que não tinha a certeza se me queimava ou gelava a pele. Eu estava fascinada, mas pouco à vontade, e fiquei contente quando Oswald Henshawe chegou do hotel.

Ele entrou no quarto sem tirar o sobretudo e dirigiu-se logo à mulher, que se levantou e lhe deu um beijo. E de novo

precisei de algum tempo para avaliar a situação; perguntei a mim mesma por instantes se teriam vindo de Chicago em comboios diferentes; porque ela estava claramente feliz de o ver, feliz não apenas por ele estar bem e ter chegado a horas, mas porque a sua presença lhe dava um prazer muito pessoal. Eu não estava acostumada a esse tipo de sentimento em pessoas casadas há muitos anos.

Mr. Henshawe era menos surpreendente do que a mulher, e parecia-se mais com a imagem que eu formara dele. Os ossos proeminentes do rosto davam-lhe um aspeto de militar; testa larga e austera, maçãs do rosto altas, nariz alto, levemente arqueado. Os olhos, contudo, eram escuros e suaves, com uma forma estranha, exatamente como meias-luas, e usava um bigode mole e caído, como um inglês. Havia algo nele que sugeria coragem, magnanimidade, e um modo de agir bom e generoso.

— Estou atrasado — explicou — porque tive alguma dificuldade em vestir-me. Não conseguia encontrar as minhas coisas.

A mulher pareceu preocupada por um momento, e depois começou a rir suavemente. — Pobre Oswald! Estavas à procura das tuas camisas engomadas novas, aquelas que fazem uma saliência à frente. Bem, não era preciso. Eu dei-as ao filho do porteiro.

— Ao filho do porteiro?

— Sim. Ao Willy Bunch, lá em casa. Provavelmente levará uma esta noite a um baile iroquês, e será o lugar certo para ela.

Mr. Henshawe passou a mão rapidamente pelo cabelo liso e de um cinzento metálico. — Deste as minhas seis camisas novas?

— Podes ter a certeza disso. Não vais usar camisas que te dilatam o peito, nem que acabemos num asilo. Sabes que não suporto ver-te com roupa que te fica mal.

No olhar de Oswald havia uma mistura de divertimento, incredulidade e amargura. Afastou-se de nós com um encolher de ombros e puxou uma cadeira. — Bem, a única coisa que posso dizer é que sorte inesperada para o Willy!

— É o modo certo de ver as coisas — disse a mulher num tom arreliador. — E agora tenta falar de um assunto susceptível de interessar a sobrinha da Lydia. Eu prometi à Liddy fazer o molho da salada.

Fiquei sozinha com Mr. Henshawe. Ele tinha uma forma agradável de dar toda a sua atenção a uma pessoa jovem. Tinha mais facilidade do que a mulher em «fazê-la sair da concha», porque não a assustava tanto. Eu gostava de olhar para o seu rosto, com os ossos salientes e os olhos lânguidos e amigáveis, aquela combinação surpreendente de algo duro e algo suave. A minha mãe, o meu tio e os meus primos chegaram pouco depois. Quando o grupo ficou completo, pude examinar e apreciar os visitantes sem me preocupar com o que ia dizer a seguir. O jantar foi muito mais alegre do que as reuniões familiares costumam ser. Mrs. Henshawe parecia lembrar-se de todas as velhas histórias e velhas anedotas que tinham estado adormecidas durante vinte anos.

— É tão bom — exclamou a minha mãe — ouvir de novo o riso da Myra!

Sim, era bom. Às vezes também era terrível, como descobri mais tarde. Ela tinha um riso zangado, por exemplo... Ainda sinto calafrios quando me lembro dele. Qualquer estupidez fazia Myra rir e eu iria ouvir aquele riso muitas vezes! Circunstâncias desagradáveis, acidentes, até desastres, provocavam a sua alegria. E era sempre alegria, nunca histerismo; havia nela uma centelha de prazer e humor selvagem.